

Diretrizes para Pesquisas Qualitativas em Estudos Organizacionais: Controvérsias e Possibilidades

Guidelines for Qualitative Research in Organization Studies: Controversy and Possibilities

Recebido em: 31/01/2017 • Aprovado em: 17/04/2017

Avaliado pelo sistema *double blind review*

Editora Científica: Claudia Stadtlober

DOI 10.13058/raep.2017.v18n3.522

Maria Fernanda Rios Cavalcanti *maria.cavalcanti@puc-campinas.edu.br*

Pontifícia Universidade Católica – Campinas

Resumo

O objetivo do presente artigo é abordar a controvérsia presente no estabelecimento de diretrizes para a pesquisa qualitativa dentro da Teoria Organizacional (OMT - *Organization and Management Theory*), e apresentar um resumo de sugestões sobre como realizar boas pesquisas qualitativas, segundo metodologistas com publicações internacionalmente reconhecidas. Para atingi-lo, o artigo irá discutir: as diretrizes gerais para a pesquisa qualitativa; como alcançar a coerência e a transparência dentro de um estudo qualitativo empírico; o significado e importância do conceito da reflexividade; e, finalmente, como estabelecer uma contribuição teórica e uma transferibilidade de resultados dentro de dito contexto. O trabalho apresenta uma contribuição valiosa, visto que tais diretrizes, conceitos, e abordagens podem ser adotados por estudantes e pesquisadores durante a condução de propostas de pesquisas qualitativas e por revisores de periódicos para avaliar a qualidade de estudos empíricos existentes.

Palavras-Chave: Pesquisa. Metodologia. Métodos Qualitativos. Critérios de Avaliação.

Abstract

The aim of the present article is to tackle the controversy of establishing guidelines for qualitative research in Organization and Management Theory (OMT) and to present a summary of suggestions on how to conduct good qualitative research given by methodologists on top-tier international publications. In order to do so, the article discusses: general guidelines for qualitative research; how to achieve coherence and transparency in a qualitative empirical study; the meaning and importance of the concept of reflexivity; and, finally how to establish a theoretical contribution and transferability of findings in such context. The work presents a valuable contribution because such guidelines, concepts, and approaches can be adopted by students and researchers when conducting a qualitative research proposal, and by periodic reviewers to evaluate the quality of existing empirical studies.

Keywords: Research. Methodology. Qualitative Methods. Criteria for Evaluation.

Introdução

O objetivo do presente artigo é abordar a controvérsia em estabelecer padrões para a pesquisa qualitativa dentro da Teoria Organizacional (OMT) e apresentar um resumo de sugestões sobre como realizar boas pesquisas qualitativas, segundo os principais metodologistas deste campo. Estas sugestões podem ser adotadas por estudantes, pesquisadores e até por revisores, enquanto conduzem uma proposta de realização de pesquisa qualitativa e/ou avaliam/verificam a qualidade de uma pesquisa empírica existente. Conforme mencionado por Wolcott (2001), o problema por trás dos métodos de pesquisa é complexo e não pode limitar-se a discussões sobre técnicas de coleta de dados: a metodologia se refere aos princípios fundamentais do questionamento, que guia o processo de pesquisa. Este fato reforça substancialmente as dificuldades presentes nas tarefas de estruturar e avaliar a adequabilidade e a qualidade geral dos métodos de pesquisa, assim como na comunicação de seus resultados. A pesquisa qualitativa, em particular, impõe uma dificuldade ainda maior a estas questões, o que justifica a relevância do presente artigo.

Na verdade, a literatura recente acerca da OMT vem, cada vez mais, levantando a questão da necessidade de se estabelecerem padrões para a pesquisa qualitativa, o que inevitavelmente nos leva a um dilema básico sobre métodos qualitativos e sua missão de adquirir legitimidade dentro de uma atmosfera institucional, particularmente a da OMT, que tem historicamente favorecido os estudos quantitativos (ATKINSON, 2004; FRESHWATER et al., 2010). Ainda que não possamos negar o favorecimento de estudos quantitativos dentro da OMT, a autora deste artigo particularmente concorda com a posição defendida por Wolcott (2001), que afirma que colocar os métodos quantitativos e qualitativos em conflito representa um grande desserviço para ambas abordagens, pois desvaloriza as contribuições a serem feitas por cada uma delas. Por outro lado, estamos vivenciando uma mudança considerável nesta tendência histórica, com o rompimento de barreiras importantes à publicação de pesquisas qualitativas neste campo nos últimos 30 anos (MILES, 1979; SUTTON, 1997; WHITTEMORE; CHASE; MANDLE, 2001; CUNLIFFE, 2011; BAILEY, 2014; SINGH, 2015). Um exemplo recente deste crescente reconhecimento das pesquisas qualitativas pode ser encontrado no *Academy of Management Journal*, que concedeu 30% de seus prêmios de melhor artigo a produções de estudos qualitativos (mesmo estes representando apenas 7% da quantidade total de artigos publicados por esta revista) (LOCKE, 2011).

Uma possível razão por trás deste acolhimento histórico desigual aos estudos quantitativos e qualitativos pode ser porque o segundo é simplesmente menos conhecido. Isto ocorre porque, conforme destacado por Goertz and Mahoney (2012), métodos quantitativos tendem a ser mais explícitos e sistemáticos, enquanto estudos qualitativos tendem a ser mais implícitos em relação às suas suposições e práticas habituais. Esta tendência é especialmente problemática para estudos qualitativos, visto que tais estudos contêm uma multiplicidade impressionante de diferentes terminologias e posições que podem ser adotadas em distintas pesquisas (sejam estas ontológicas, epistemológicas ou metodológicas) (KREFTING, 1991; BALLINGER, 2004; GUBA and LINCOLN, 2004; MEYRICK, 2006; EASTERBY-SMITH; GOLDEN-BIDDLE; LOCKE, 2008; KUPER; LINGARD; LEVINSON, 2008; PRATT, 2008; GOERTZ and MAHONEY, 2012). Aliás, esta multiplicidade dificulta a definição do que é, de fato, a pesquisa qualitativa. Faz apenas algumas décadas, Van Maanen (1979) chegou ao ponto de afirmar que não existe um significado exato do termo metodologia qualitativa. Em vez disso, de acordo com o autor, podemos considerá-lo um “termo generalista que cobre uma série de técnicas interpretativas que visam descrever, decodificar, traduzir e, de qualquer outra forma, criar consenso com relação ao significado e não à frequência de certos fenômenos, que ocorrem mais ou menos naturalmente no mundo social”(VAN MAANEN, 1979: p. 520).

A diversidade interna dos estudos qualitativos, acompanhada do fato de que estes tendem a ser mais implícitos com relação às suas suposições e escolhas metodológicas, é preocupante. Isto porque torna-se mais difícil identificar e estabelecer diretrizes para a condução de ditos estudos, elevando o nível para a publicação de pesquisas, especialmente para novatos no campo da OMT (RUBIN, 2000; GIBBERT e RUIGROK, 2010; GARSIDE, 2013). Enquanto a confiabilidade, validade e generalização, oferecem um escopo básico e amplamente aceito para a avaliação de pesquisas quantitativas (MAYS and POPE, 1995), estas não podem ser aplicadas às avaliações de pesquisas qualitativas (SEALE, 1999). A falta de consenso sobre o que constitui uma boa pesquisa qualitativa, portanto, é potencialmente danosa à quem estiver interessado em conduzir e publicar estudos qualitativos, dificultando até mesmo a revisão de ditos trabalhos, possivelmente minimizando sua aceitação e o impacto de seus resultados (GARSIDE, 2013).

Ainda assim, um aspecto amplamente consensual sobre estudos qualitativos é a atratividade de seus dados, o que justifica o risco de entrar em tal empreitada. De acordo com Miles (1979), os pesquisadores organizacionais foram atraídos pelos dados qualitativos por estes serem vistos como “ricos, completos, realistas, holísticos, ‘reais’; sua validade nominal parece incontestável; eles preservam o curso cronológico quando este é um fator importante e sofrem minimamente pela distorção retrospectiva” (p. 590). No entanto, por décadas as dificuldades internas de estruturação e avaliação de pesquisas qualitativas vêm reduzindo este potencial. Conforme explicado por Miles (1979), a ausência de explicitação, a sobrecarga de dados, o tempo requerido para a elaboração de texto, codificação e análise, têm sido fatores desanimadores para os pesquisadores qualitativos. O autor acrescenta ainda que “a dificuldade mais séria e central do uso de dados qualitativos é que os métodos de análise não são apropriadamente formulados [...] o analista enfrenta um banco de dados qualitativos e têm pouquíssimas diretrizes” (p. 590).

Por mais que a discussão e o estabelecimento de diretrizes, critérios e/ou padrões para o desenho e avaliação de pesquisas qualitativas sejam objeto de controvérsia entre investigadores (TRACY, 2013), isto não invalida a discussão proposta neste artigo. Argumento desta forma porque já é amplamente aceito que se por um lado os estudos qualitativos têm um excelente potencial de contribuir dentro do campo da OMT, por outro lado, existem diversas causas envolvidas nas dificuldades de conduzir e escrever pesquisas qualitativas e estes dois pontos, por si só, são válidos para que pesquisadores discutam possíveis soluções para lidar com as dificuldades internas deste tipo de pesquisa. Soluções estas que, creio eu, incluirão trazer à luz a questão dos critérios e do estabelecimento necessário de algum tipo de diretriz explícita para autores e revisores. Este artigo, portanto, busca fazer uma contribuição nesta direção.

Estabelecer ou Não Padrões para a Estruturação e a Avaliação de Pesquisas Qualitativas?

Como dito por Tracy (2013), a principal fonte de controvérsia na discussão sobre o estabelecimento de padrões ou critérios para a avaliação do rigor ou qualidade geral de pesquisas qualitativas é o fato de que estes critérios são construídos e não oferecidos. Por isto, autores como Bochner (2000) defendem que tentar estabelecer tais critérios é extremamente problemático e até um pouco sem sentido. No entanto, eu defendo que, ainda que estes critérios não possam ser tomados como garantidos, e mesmo que eles sejam determinações precárias e mutáveis, eles precisam ser objeto de discussão se os pesquisadores qualitativos pretendem aprimorar suas chances de serem publicados e reforçar o impacto de seus resultados. Além disso, abordar explicitamente os fatores que tornam uma pesquisa qualitativa

uma investigação de qualidade é primordial para revisores e é especialmente relevante para novatos no campo da OMT.

O fator trazido à tona, sobre os critérios de avaliação da pesquisa qualitativa serem construídos, coincide com as linhas principais da argumentação feita por Goertz e Mahoney (2012), que afirmam que a pesquisa qualitativa tem sua tradição própria. Em outras palavras, seus próprios valores, crenças e normas, assim constituindo uma cultura que estrutura seus procedimentos, práticas e aquilo que é considerado um conhecimento válido e confiável entre os membros da comunidade científica. Dito isso, é importante chamar a atenção dos leitores, de antemão, que esta suposta cultura, essas convenções entre acadêmicos sobre o que constitui uma boa pesquisa qualitativa, não são consensuais ou imutáveis, mas históricas e, portanto, fenômenos temporários (SPARKES, 2001).

Em uma famosa discussão entre filósofos influentes da ciência contemporânea, como Feyerabend (2010) e Chalmers (1999), essa historicidade dos métodos de pesquisa científica têm sido vastamente reconhecida. Isso também inclui os altamente bem-sucedidos, disseminados e consideravelmente estáveis métodos positivistas nas ciências naturais, por exemplo. Assim sendo, no que tange especificamente as ciências sociais e aos métodos qualitativos, o aspecto mutável destes métodos torna-se consideravelmente mais reconhecível, considerando os níveis cada vez mais precários do acordo explícito dos pesquisadores com relação aos padrões metodológicos. Isto, no entanto, não pode ser traduzido em um relativismo puro, ou aem uma lógica de “vale-tudo”: é exatamente o oposto, portanto defendendo que deveríamos encarar isso como uma janela de oportunidade para refletir sobre nossos próprios métodos e constantemente melhorá-los. De maneira semelhante, colocada por Chalmers (1999), “se nós temos uma concepção da ciência como uma missão em aberto para aperfeiçoar nosso conhecimento, então porque não poderia haver espaço para aprimorarmos também nossos métodos, adaptar e refinar nossos padrões à luz daquilo que aprendemos “(p. 162). Esta “janela de oportunidade”, portanto, está escancarada para métodos qualitativos em especial, precisamente porque seus padrões ainda não estão exatamente bem definidos quando os comparamos com métodos quantitativos/positivistas, por exemplo.

Não obstante, embora a pesquisa qualitativa sofra a falta de padrões acordados acerca de seus métodos, este tópico tem sido recentemente discutido nas ciências sociais, em geral, e na OMT, em particular. Estes trabalhos estão auxiliando acadêmicos na missão de entender a outrora implícita natureza da cultura da pesquisa qualitativa. Como afirma Savall *et al.* (2008), isto é importante para refletir sobre tais critérios, mesmo quando estes estão presentes na forma de “sinais intangíveis” na maior parte do tempo. Assim sendo, no próximo tópico eu irei apresentar um resumo das principais diretrizes explícitas e/ou sinais intangíveis oferecidos pelos mais relevantes metodologistas no campo de OMT, independentemente de quais características eles acreditem que sejam boas dentro de uma pesquisa qualitativa.

Principais Diretrizes para a Condução de Estudos Qualitativos na OMT

Mesmo que recentemente tenham surgido discussões marginais sobre métodos qualitativos e seus padrões, a ausência de diretrizes bem definidas para a condução da pesquisa qualitativa descrita por Miles (1979) parece ter persistido através do tempo. Visões conflitantes entre pesquisadores a respeito do quão proveitoso seria estabelecer as tais diretrizes para avaliar a pesquisa qualitativa ainda persistem, como discutido no tópico anterior. Antes de explorar o que metodologistas dizem a respeito do que constitui uma boa pesquisa qualitativa, é importante estar ciente do que seus críticos defendem. Bochner (2000), por exemplo, defende que a demanda por estabelecer tal critério poderia restringir a liberdade e a criatividade, possivelmente subtraindo dos dados qualitativos aquilo que os fizeram atrativos a princípio. Outros discordam, como Whittemore, Chase, and Mandle (2001), que defendem que a

criatividade e a riqueza dos dados qualitativos deveriam ser preservadas, mas não às custas de procedimentos explicitamente metodológicos e analiticamente rigorosos.

Entretanto, diversos autores têm apresentado características que os estudos qualitativos deveriam almejar adquirir, como resume a Tabela 1.

Tabela 1 Características Desejáveis para uma Pesquisa Qualitativa

| Autor(es) | Características |
|--|---|
| Ballinger (2004) | Reflexiva; transparente; útil |
| Bansal and Corley (2012) | Envolvente; pessoal; transparente; situa os dados em um contexto único; relata habilmente; reveladora |
| Cunliffe (2011) | Autêntica; plausível; elegante |
| Easterby-Smith; Golden-Biddle and Locke (2008) | Embasada teoricamente; sistemática; contem investigações bem-sustentadas; reveladora; reflexiva |
| Finlay (2006) | Coerente e claramente escrita; verossímil; reveladora; envolvente; zelosa |
| Golden-Biddle and Locke (1993) | Autêntica; plausível; crítica |
| Kuper, Lingard, and Levinson (2008) | Reflexiva; transparente; transferível; ética |
| Meyrick (2006) | Transparente; sistemática |
| Pratt (2008) | Firmemente enraizada em alguma teoria já existente e contribui com esta; proporciona suficientes interpretações e dados; detalhada; transparente |
| Savall et al. (2008) | Rigorosa; legível; coerente; original; relevante; identificável/suficientemente explicada; sustentada/contextualizada; contém conclusões razoáveis; densa e concisa |
| Tracy (2010) | Tópico digno; rigor intenso; sinceridade; credibilidade; ressonância; contribuição significativa; ética; coerência substancial |
| Trainor and Graue (2014) | Alicerçada em teoria; transparente; reflexiva |

Como foi levantado no último tópico, qualquer consenso sobre as características desejadas dos estudos qualitativos é mutável e aberto. No entanto, podemos declarar com base nas leituras acima que existe uma quantia justa de consenso entre os acadêmicos que discutem o tópico, com relação às características de uma “boa” pesquisa qualitativa. Isto deixa claro que existe um ponto pacífico ou uma assim chamada “cultura” entre os pesquisadores qualitativos (como foi discutido por GOERTZ; MAHONEY, 2012). Como mostrado na Tabela 1, os pontos principais de consenso entre estes pesquisadores sobre o que deveria ser a pesquisa qualitativa, preferencialmente, seriam:

- (a) Ser coerente, sistemática/rastreável e transparente em relação às escolhas e procedimentos metodológicos;
- (b) Ser criativamente e habilmente escrita
- (c) Proporcionar explicações embasadas e reveladoras/relevantes;
- (d) Ser reflexiva e ética.
- (e) Ter uma base teórica clara e contribuir com a teoria.

Portanto, em poucas palavras, o que os pontos acima demonstram é que o dilema da pesquisa qualitativa consiste basicamente em tentar tornar-se, ao mesmo tempo, criativa e sistemática, imaginativa e real, perspicaz e embasada teoricamente, transparente (sendo assim, reflexiva e humilde) e científica, altamente contextualizada e generalizável. Esta tarefa certamente não é fácil e por este motivo a necessidade de ter algum tipo de orientação para obter-se tais características é uma questão relevante e urgente.

Gostaria de observar, em primeiro lugar, que o ponto (b) é certamente o mais difícil de ser explorado por seu alto grau de incerteza, afinal de contas: há algum tipo de receita para uma escrita hábil e criativa? Eu creio que a verdade é que nós, como pesquisadores organizacionais, estamos falando menos do que deveríamos sobre nossos próprios processos criativos e técnicas de escrita. Isto é particularmente problemático para os novatos e, se posso adicionar, uma potente fonte de experiências traumáticas para muitos estudantes de mestrado e doutorado - o que já foi certamente presenciado por muitos de nós, infelizmente. Esta questão da escrita seria um grande tópico para outro artigo e, talvez, quem sabe, um estudo empírico? Vamos deixar este convite em aberto. Já para os pontos (a), (c), (d), e (e), uma soma considerável de autores influentes em OMT têm dividido seus pensamentos e crenças sobre como resolvê-los. Eles serão apresentados nos tópicos seguintes.

Coerência e Transparência na Pesquisa Qualitativa Estabelecendo a Pesquisa Sistemática de Posições Metateóricas Distintas

A existência e desenvolvimento de diferentes posições metateóricas explicam, em parte, a complexidade da pesquisa qualitativa, e considerá-los é essencial para aqueles interessados em construir um relato persuasivo, consistente e verossímil. A primeira consideração a ser feita aqui é que, como afirmado por Amis and Silk (2007), a coerência e transparência da pesquisa qualitativa podem somente serem discutidas e consideradas uma vez que exista uma definição das orientações ontológicas, epistemológicas, políticas e axiológicas do pesquisador. Sem este posicionamento, o pesquisador enfrenta o grande perigo real de cair no relativismo ou em um vale-tudo lógico, onde as escolhas metodológicas são obscuras e/ou injustificáveis. Isto é um passo crucial para delinear a pesquisa qualitativa, já que a existência de escolhas metodológicas obscuras e/ou injustificáveis ainda é percebida como uma fraqueza em grande parte dos estudos qualitativos (ONWUEGBUZIE and LEECH, 2005). Na verdade, como apontado por Hammersley (1992), julgamentos sobre a adequação das alegações de conhecimento e resultados feitos a respeito da pesquisa de alguém apenas poderão ser emitidos uma vez que se tenham sido reveladas as posições ou suposições metateóricas que guiaram o processo de investigação. Em outras palavras, a concepção sólida de uma pesquisa qualitativa deve ser atrelada a um âmbito teórico que dirija a investigação e, então, justifique explicitamente as escolhas metodológicas do estudo (OLIVER, 2011).

Portanto, visando garantir a coerência metodológica, isto sugere que o pesquisador deve, em primeiro lugar, apresentar claramente suas hipóteses teóricas. Esta afirmação é baseada na premissa de que qualquer pesquisa, ou qualquer tentativa de compreender o mundo e este fenômeno de uma maneira sistemática, começa a partir de uma suposição sobre a natureza da realidade. Alguns autores chamam isso de posicionamento ontológico, enquanto outros preferem chamar de problemática. Com base nas discussões prévias sobre a natureza dos estudos qualitativos, podemos dizer que o principal ponto em comum no que diz respeito a suas hipóteses ontológicas é que a realidade não é puramente objetiva. Desta forma, no contexto dos estudos qualitativos, o objetivo de uma elucidação ontológica é considerar tanto a natureza dos indivíduos envolvidos em uma pesquisa (subjetividade, ação, organismo, conhecimento, etc.) quanto a natureza do fenômeno social em investigação. Em outras palavras, a ontologia considera a natureza de quem sabe e a natureza daquilo que pode ser

conhecido. Em tal contexto, portanto, a epistemologia está fortemente ligada à ontologia, mas refere-se mais especificamente à segunda ou, de outra forma, ao que pode vir a ser conhecido e também em como tal realidade pode ser conhecida (GRECO, 1999). Assim sendo, já que a produção de conhecimento reside no âmago de qualquer investigação científica (seja qualitativa ou algum outro tipo), a ontologia e a epistemologia não podem ser separadas neste domínio.

Por exemplo, um estudo que queira investigar a prática diária em uma determinada organização, enquanto ela se desenvolve, mesmo que esta seja uma orientação inicial muito geral, já contém em si uma série de hipóteses filosóficas. O fato de que, em seus estágios iniciais, tal pesquisa poderia apenas conter orientações muito gerais, é comum em diversos estudos qualitativos indutivos (isto é, investigar e observar certas práticas organizacionais conforme elas se desenvolvem). Contudo, tal orientação indutiva geral ainda demanda um posterior refinamento ontológico e uma posição epistemológica mais precisa. Como explicado por Cunliffe (2015), três diferentes ontologias ou problemáticas têm sido utilizadas para investigar práticas de uma maneira semelhante em OMT, que estão resumidas na Tabela 2.

Tabela 2 Exemplo - Três Problemáticas Usadas na Prática de Pesquisa

| | Objetivismo | Subjetivismo | Intersubjetivismo |
|---------------|--|---|--|
| Ontologia | Uma verdadeira e concreta realidade social que existe independentemente de nós. Humanos, uma vez que socializados dentro daquela realidade. | As realidades são socialmente construídas através das interações, práticas discursivas, uso de linguagens e conversas das pessoas. Os humanos são atores e intérpretes, moldando e sendo moldados pela compreensão das realidades | Interpretações únicas, compartilhadas e controversas de realidades sociais criadas entre pessoas dentro e através de momentos do tempo e do espaço. Humanos alicerçados em suas relações com os outros, em níveis variados |
| Epistemologia | Busca por estruturas, leis, sistemas, regras, padrões de comportamentos, categorias, processos, papéis, identidades generalizadas e relações entre os elementos. | Conhecimento e sabedoria ocorrendo nas atividades mundanas e indexicais das pessoas | Sabedoria <i>in-situ</i> provinda de dentro do momento de interação e conversação. Significados e compreensões criadas fugazmente entre as pessoas |

Fonte: Adaptado de CUNLIFFE (2015).

A ligação próxima entre ontologia e epistemologia nos estudos qualitativos, como aqueles de base prática, pode ser observada na Tabela 2. Como explicado por Cunliffe (2015), estas diferentes problemáticas produzem e são produzidas por diferentes concepções sobre a natureza e as definições da prática, ou três diferentes epistemologias da prática. De acordo com uma visão objetivista, por exemplo, as práticas são objetos ou fenômenos independentes extraídos dos conceitos. Já o Subjetivismo vê a prática como inserida nas ações, interações e conversações das pessoas em um contexto. Uma visão intersubjetivista, finalmente, considera a prática (incluindo a prática de pesquisa) como algo interligado às relações entre as pessoas.

Estas maneiras múltiplas de abordar fenômenos organizacionais, tais como as práticas organizacionais enquanto estudos qualitativos são conduzidos, deixam claro que: (a) em primeiro lugar, a pessoa precisa refinar o que ela compreende como "prática" e suas hipóteses; (b) e, em segundo lugar, isso é necessário porque tais hipóteses servirão como pontos de direção para se refinar e apresentar uma estrutura e estratégia de pesquisa coerentes e transparentes. Isto é também o caso quando alguém está investigando fenômenos organizacionais através de um olhar alheio às práticas organizacionais (por exemplo, discursos, emoções, etc.)

Embora os estudos qualitativos possam ter diversas suposições metateóricas e/ou posições, eles também dividem enfoques comuns dos quais as diretrizes gerais possam ser derivadas, como discutido anteriormente. Além disso, a pesquisa qualitativa levanta preocupações que extrapolam as visões puramente objetivistas/positivistas da ciência, como por exemplo, a questão da reflexividade do pesquisador. Como a reflexividade foi mencionada por um número considerável de autores como algo que deveria ser considerado quando alguém está avaliando a qualidade destes estudos, no próximo tópico iremos examinar o significado da reflexividade e sua importância para a pesquisa qualitativa em geral.

Reflexividade e Ética na Pesquisa Qualitativa

A reflexividade foi trazida pela primeira vez para as discussões metodológicas no início dos anos 1970, como uma reação à abordagem clássica de investigação sociológica, que desde então tem sido algumas vezes nomeada como expressão de uma antropologia "colonial" (Wasserfall, 1997). Este tema surgiu a princípio nos trabalhos de etnógrafas feministas que questionaram o poder e privilégio dos pesquisadores e advogaram por uma maior equidade entre acadêmicos e participantes de pesquisas (Alkon, 2011). Desde então, a reflexividade tem crescido além do campo etnográfico e tem sido reconhecida como um traço importante da pesquisa qualitativa em geral (Macbeth, 2001; Pillow, 2003; Rhodes, 2009; Bott, 2010; Berger, 2015). Ademais, ela tem sido considerada um elemento que permeia todos os aspectos de seu processo (Hertz, 1997). A crítica essencial trazida pela discussão sobre a reflexividade é a consciência de que fazer uma investigação é dizer algo sobre o "Outro" e algo que o represente, o que implica no desenvolvimento de uma relação desigual entre pesquisadores e participantes.

A reflexividade torna-se uma importante ferramenta para refletir sobre a adequação das escolhas metodológicas de alguém, especialmente devido à orientação geral presente na maioria dos estudos qualitativos, propondo que os pesquisadores devem mergulhar dentro da realidade estudada. Assim sendo, em muitos estudos qualitativos, o pesquisador deve tornar-se "um deles" entre os participantes da pesquisa. A necessidade de "tornar-se um deles" implica em reconhecer dois pontos: primeiro, obviamente, eu, como uma pesquisadora, não sou um deles; e, em segundo lugar, que o pesquisador deve refletir sobre o que significa tornar-se um deles e se isso é, de fato, possível - até mesmo em estudos etnográficos, que exigem extrema imersão na área.

Como apontado por Cunliffe (2003), ao trazer a relação entre pesquisadores e participantes para o primeiro plano, a reflexividade tem seu papel de representação "inquietante" e sua reivindicação de verdade objetiva, um dos pilares da investigação qualitativa. Alvesson, Hardy, e Harley (2008) afirmam que a pesquisa reflexiva não pode suportar as alegações da verdade objetiva, uma vez que recolhe-se sobre si mesma e revela as posições sócio-políticas dos pesquisadores e participantes da investigação, e mostra como elas afetam o processo de pesquisa (veja também Ballinger, 2004; Cunliffe, 2003). Assim sendo, devemos pontuar que a reflexividade é subjetiva em seu cerne, e desta forma está ausente dos estudos que adotam problemáticas objetivistas - mesmo que os estudos qualitativos possam

também vir desta problemática. A inquietação do poder do pesquisador em estabelecer verdades objetivas revela uma preocupação ética que está presente em uma noção de reflexividade, como “uma parte implícita da prática ética e assim envolve o reconhecimento e localização do pesquisador dentro do processo investigativo” (Davies and Dodd, 2002). Outro importante atributo ético das discussões de reflexividade tem a ver com sua preocupação em separar a voz do pesquisador da voz dos participantes, deixando claro que a última está necessariamente filtrada e moldada pela primeira, já que o pesquisador escolhe quais histórias contar e quais histórias serão ignoradas (Hertz, 1997)

Dentro das problemáticas subjetivistas e intersubjetivistas, a reflexividade vem tornando-se uma parte essencial do processo de pesquisa qualitativa. Monitorar explicitamente a maneira como o próprio pesquisador afetou diretamente o processo de pesquisa e seus resultados dentro de tais problemáticas deveria, presumivelmente, fornecer aos estudos qualitativos mais confiabilidade (Seale, 1999), plausibilidade (Buckner, 2005) e validade (Pillow, 2003). Berger (2015) resume alguns exemplos de como a reflexibilidade do pesquisador deveria afetar o processo de pesquisa e seus resultados: (1) isso pode afetar a facilidade de acesso ao campo; (2) isso pode moldar a relação entre pesquisador e pesquisado, sendo algo que afeta diretamente a informação que os participantes estão dispostos a dividir; (3) visões de mundo e contextos do pesquisador que influenciam todas as suas escolhas (desde as questões que são perguntadas até como ele/ela utiliza a linguagem, seleciona os dados e, inclusive, seus processos gerais de elaboração de sentido) (ver também Hertz, 1997)

Bott (2010) defende que o reconhecimento da reflexividade do pesquisador começa com este constantemente alocando e realocando a si mesmo dentro de seu trabalho, em um diálogo recorrente que não deixa espaço para reivindicações de conhecimento objetivo e que leva em consideração a subjetividade do processo de pesquisa. Visando operacionalizar este constante processo de alocação e realocação nesta pesquisa, aceito a sugestão de Cunliffe e Karunanayake (2013) de utilizar a noção de *hiphen-spaces*, como uma maneira de reconhecer e compreender estas diferentes posições ocupadas pelo pesquisador e seus impactos na prática de pesquisa. Os autores identificaram quatro *hiphen-spaces* diferentes: aproximação-estranhamento, semelhança-diferença, envolvimento-distância e politicamente ativamente neutro (Figura 1).

Figura 1 *Hyphen-Spaces* da Reflexividade do Pesquisador



Fonte: Cunliffe e Karunanayake (2013, p. 372).

A Figura 1 também representa o fato de que os quatro *hiphen-spaces* estão interconectados e podem ser testados simultaneamente e/ou de uma maneira interligada durante o trabalho de campo. Posso dizer a partir de minhas próprias experiências como pesquisadora qualitativa que, durante meus trabalhos de campo, tive a oportunidade de experimentar os quatro *hiphen-spaces*, especialmente ao conduzir estudos em diferentes organizações por um período estendido de tempo. Essa mudança de *hiphen-spaces* tornou-se muito clara, especialmente durante a condução das observações dos participantes.

Entretanto, embora eu tenha podido experimentar as mudanças de posições, o que tais mudanças finalmente me revelaram foi que, como pesquisadora, nunca me foi concedida a posição de membro ou a posição de “um de nós” em sua plenitude. Ainda assim, não se pode negar que a reflexividade traz consigo uma percepção constante das posições do pesquisador durante o trabalho de campo, e a constante busca por esmiuçar tais posições repercute e refina diretamente tanto a estratégia do pesquisador quanto a transparência do estudo ao reportar suas conclusões.

A Controvérsia da Generalização das Descobertas na Pesquisa Qualitativa

A generalização das descobertas na pesquisa qualitativa também tem sido objeto de considerável controvérsia. Enquanto alguns autores descartam de antemão tal possibilidade,

outros preferem adotar uma posição intermediária. Payne e Williams (2005), por exemplo, afirmam que a pesquisa qualitativa deveria almejar a realização. Isto coincide com a alegação feita por Mair (2010) a respeito da construção teórica por estudos indutivos ascendentes no contexto do Empreendedorismo Social, que deveria buscar elaborar teorias de médio-alcance, não teorias majestosas e altamente generalizáveis, precisamente porque pesquisar sugere que tais tipos de estudos indutivos revelam alta sensibilidade de contexto.

Lincoln e Guba (1985) fazem declarações similares e, buscando evitar a controvérsia, propõem mudanças em termos, afirmando que ao invés de se preocupar em produzir narrativas de pesquisas *generalizáveis*, bons pesquisadores qualitativos deveriam focar em produzir aquelas que sejam *transferíveis*. Isto é, o investigador deveria focar em proporcionar evidências que permitam que os leitores façam comparações e, possivelmente, transfiram algumas destas descobertas a contextos similares, se assim desejarem. Os autores sugerem que o investigador que baseia-se em métodos qualitativos deveria, portanto, “proporcionar suficientes dados descritivos para fazer com que tais julgamentos comparativos sejam possíveis” (LINCOLN e GUBA, 1985, p. 298). No entanto, é importante salientar que Lincoln e Guba (1985) também defendem que neste tipo de estudo um investigador não pode garantir totalmente a generalização e os candidatos são, todavia, aconselhados a conduzir pequenos estudos de verificação para terem certeza de que a transferibilidade de suas narrativas é realmente plausível.

Além disso, autores como Tracy (2013) preferem o termo ressonância para se referirem a uma característica do texto que o faça reverberar e impactar uma audiência que o perceba como significativo através de diferentes contextos. O autor explica que a possibilidade de generalização deveria ser vista apenas como um dos diversos meios de se atingir tal ressonância. Os outros dois meios de se alcançar a ressonância propostos por Tracy (2013) são a transferibilidade e o mérito estético, o último referindo-se à capacidade do texto de afetar emocionalmente seus leitores.

Cunliffe (2011) e Golden-Biddle and Locke (1993) afirmam que a pesquisa qualitativa deve ser plausível; Finlay (2006) e Whitemore, Chase e Mandle (2001) usam o termo verossímil; Tracy (2010) sustenta que ela deve ser significativamente coerente. Realmente, o que tais referências têm em comum é a crença compartilhada de que as narrativas da pesquisa qualitativa devem ser, fundamentalmente, percebidas como significativas pela audiência a que se destina. Assim sendo, discutir a validade de estudos qualitativos não é clamar por uma verdade objetiva, mas sim mostrar que isto reflete uma preocupação em produzir narrativas de pesquisa que sejam plausíveis, verossímeis e significativamente coerentes para o público-alvo.

Muitos autores têm discutido critérios para analisar a credibilidade ou a plausibilidade de narrativas de pesquisa qualitativa e as abordagens mais citadas sobre o combate a este tipo de problema estão resumidas na Tabela 3.

Tabela 3 Abordagens para Facilitar a Transferibilidade da Narrativa

| Fases do Processo de Pesquisa | Abordagens |
|-------------------------------|--|
| Problema da Pesquisa | Tipicamente, é fortemente abordado dentro do contexto de uma teoria já existente. Sua justificativa repousa na “habilidade dos dados qualitativos em oferecerem <i>insights</i> sobre processos sociais complexos que os dados quantitativos não conseguem revelar com facilidade” (EISENHARDT; GRAEBNER, 2007, p. 26) |

| | |
|-----------------------|---|
| Concepção da Pesquisa | <p>Une a estrutura da pesquisa à posições ontológicas e epistemológicas claras.</p> <p>Utiliza a auto-reflexividade ou delinear as relações desenvolvidas dentro do campo de trabalho (LECOMPTE; GOETZ, 1982; GOLDEN-BIDDLE; LOCKE, 1993; WHITTEMORE; CHASE; MANDLE, 2001; PILLOW, 2003; BANSAL; CORLEY, 2012; BELL, 2013)</p> |
| Compilação de Dados | <p>Justificar explicitamente critérios de amostragem e analisar os limites de amostragem (EISENHARDT; GRAEBNER, 2007; CURTIS et al., 2000)</p> <p>Envolvimento prolongado e observação persistente, ou estar lá (LINCOLN; GUBA, 1985; GOLDEN-BIDDLE; LOCKE, 1993; ONWUEGBUZIE; LEECH, 2005)</p> <p>Coletar e registrar o máximo de dados possíveis (MAYS; POPE, 1995) com modos diferentes de captação</p> <p>Identificar os tipos de dados coletados e examinar os processos detalhados de coleta de dados (GOLDEN-BIDDLE; LOCKE, 1993)</p> <p>Utilizar informantes diversos (LECOMPTE; GOETZ, 1982)</p> |
| Análise de Dados | <p>Explicar o movimento interativo e sistemático entre a coleta e a análise de dados.</p> <p>Utilizar CAQDAS para organizar dados (WHITTEMORE; CHASE; MANDLE, 2001; CARCARY, 2011)</p> |
| Estilo de Escrita | <p>Adotar padrões de pesquisa mais ortodoxos em relação ao formato e mecanismos do texto (GOLDEN-BIDDLE; LOCKE, 1993); Descrição rica do contexto (ARMOUR; RIVAUX; BELL, 2009; EISENHARDT, 1991); Contar uma história estimulante (BANSAL; CORLEY, 2012; EISENHARDT, 1991; DYER; WILKINS, 1991)</p> |

Utilizar tais dicas para atingir algum grau de generalização (ou transferibilidade) apenas pelos resultados empíricos da pesquisa de alguém, no entanto, não se traduz “magicamente” em contribuições à teoria ou à descoberta teórica. Existe, portanto, uma última discussão a ser levantada: como ocorre o último salto à teoria? Ou, em outras palavras, como os estudos qualitativos contribuem com a teoria ou a constroem? Como vimos no primeiro tópico, onde um resumo das diretrizes gerais para a pesquisa qualitativa foi apresentado, este era um ponto crucial feito por metodologistas a respeito da qualidade de tais estudos. Embora isso seja também um tema envolvido em controvérsia e alto grau de incerteza, tentarei discutir esta questão no próximo tópico.

Contribuição e Descoberta Teórica na Pesquisa Qualitativa

Como declarado por Bansal e Corley (2012), e como isto tornou-se claro neste artigo, a maioria dos pesquisadores qualitativos contribui com a teoria utilizando a indução. Isso significa que a maioria dos pesquisadores qualitativos não tem uma hipótese previamente estabelecida que possa ser empiricamente testada. Como explicado por Hempel (1966), inferências indutivas são atos de migração de casos particulares para conclusões mais gerais, como foi discutido no último tópico. Portanto, podemos dizer que a pesquisa qualitativa tem maior vocação para a construção teórica do que para a experimentação de teoria. No entanto, há uma tendência em acreditar que tais inferências indutivas devem ser vistas como estágios da investigação científica, onde estas conclusões gerais indutivamente determinadas existem

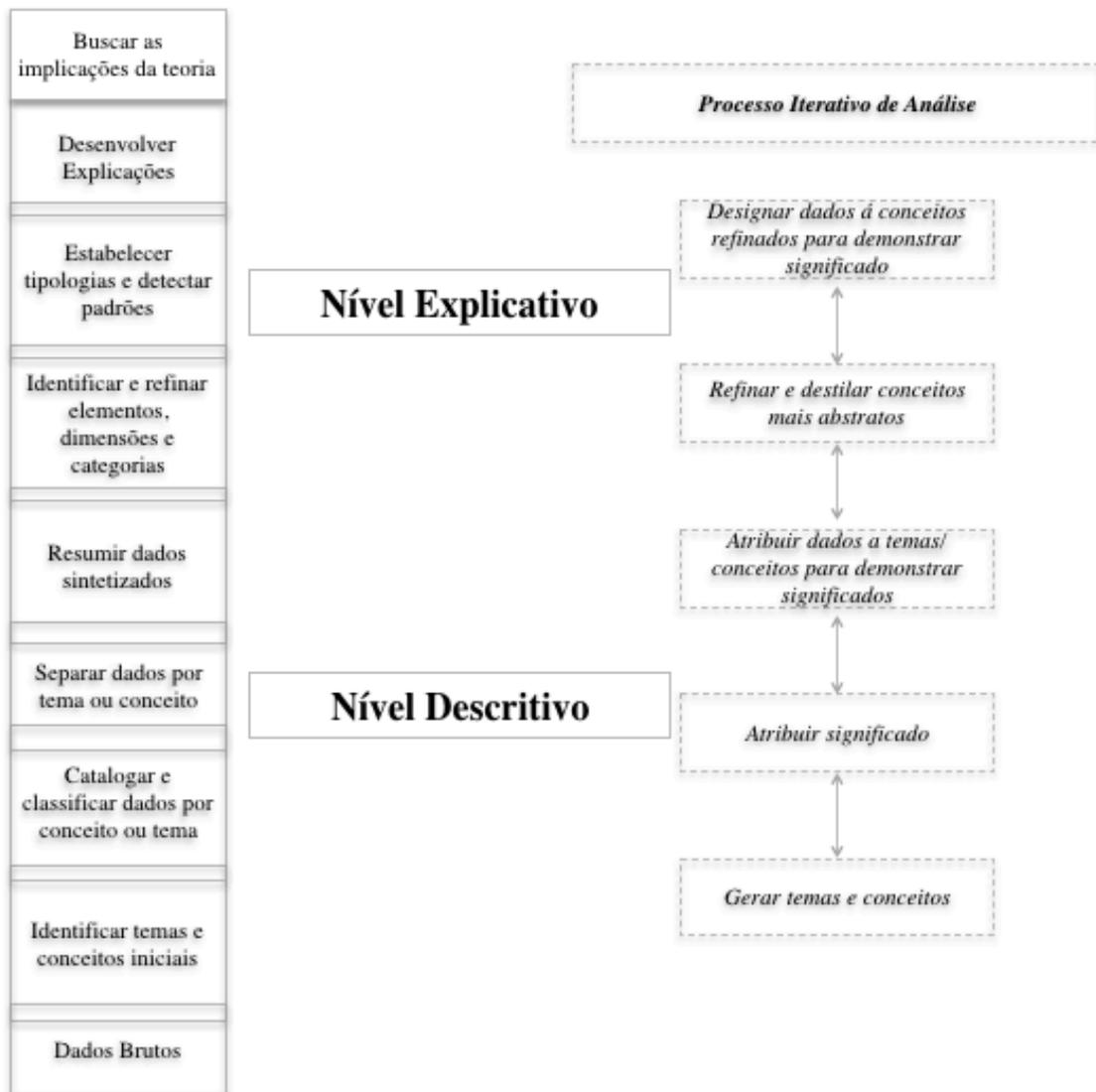
para serem testadas em uma etapa final para garantir a objetividade. Esta crença tem sido refutada pelos pesquisadores qualitativos, como eu já havia mostrado, mas ainda assim, este é um objeto de controvérsia.

Em um artigo inspirador, Eisenhardt (1989) afirma que uma etapa final e crucial para construir uma teoria é comparar as propostas (resultados) ou conceitos encontrados na literatura existente e perguntar a nós mesmos: o que esses resultados contradizem e por quê? De acordo com o autor, considerar teorias conflitantes aumentará a credibilidade dos resultados. Em uma virada de certa forma dialética, Eisenhardt (1989) defende que esta justaposição força os pesquisadores a serem criativos e trazerem argumentos diferenciados, o que poderia ser inatingível somente com os dados ou sem o contraponto teórico ou uma antítese. Autores como Klag e Langley (2013) chamam isso de “salto teórico” e atentam para o forte aspecto dialético que ele apresenta.

Entretanto, este processo indutivo está longe de ser simples: em outras palavras, indo de dados brutos à descoberta teórica nos estudos qualitativos. Klag e Langley (2013), por exemplo, caracterizam esse processo dialético de descoberta como colocado em “quatro tensões dialéticas: entre a deliberação e o acaso, entre o envolvimento e o distanciamento, entre saber e não saber, e entre a expressão pessoal e a conexão social” (p. 149).

Autores como Bansal e Corley (2012) e Tracy (2010) referem-se a isto de uma maneira mais pragmática, chamando-o de “processo interativo”. Embora a pesquisa qualitativa, em geral, não ofereça regras e protocolos inequívocos sobre como as descobertas teóricas são feitas (BRYMAN, 2001), descobri que é muito útil seguir as estruturas analíticas propostas por Spencer, Ritchie e O'Connor (2003) para tentar visualizar este processo, já que elas nos oferecem uma representação ampla e clara dos diferentes níveis de estudo de uma análise temática interativa e do caráter não-linear da descoberta teórica na pesquisa qualitativa.

Figura 2 Estágios e Processos Envolvidos na Descoberta Teórica Através da Análise Iterativa



Fonte: Adaptado de Spencer, Ritchie e O'Connor (2003, p. 212).

Embora esta representação de um processo iterativo de uma descoberta teórica esteja longe de ser universal ou imutável, ainda assim ela é útil, pois nos permite ver o traço desafiador, porém altamente desejado, do salto teórico em estudos qualitativos: sua estrita adequação aos dados. Isto é importante especialmente porque a quantidade de dados gerados pelos estudos qualitativos e a complexidade das forças dialéticas por trás do necessário salto conceitual para atingir a descoberta teórica podem deixar os pesquisadores deslumbrados e perdidos em um campo de imprecisão.

Considerações Finais

Este artigo é uma tentativa de abordar a controvérsia do estabelecimento de padrões para a pesquisa qualitativa dentro da OMT e apresentar um resumo de sugestões ou diretrizes oferecidas por pesquisadores renomados sobre a estruturação e condução de uma “boa” pesquisa qualitativa. Nós temos observado que, mesmo que este seja um tópico controverso,

ele ainda é necessário. Adicionalmente, nós temos sido capazes também de ver que os autores concordam com um conjunto de diretrizes comuns e que trabalhos recentes parecem apontar para direções similares a respeito de tópicos emergentes (como hipóteses ontológicas, reflexividade, a necessidade de apresentar resultados “transferíveis” e a necessidade de um salto teórico). Embora esta discussão esteja longe de ter um consenso, foram apresentadas algumas diretrizes gerais para a construção de uma pesquisa qualitativa coerente e transparente e para a avaliação destes trabalhos. O trabalho faz uma contribuição valiosa porque as diretrizes, conceitos e técnicas resumidas e apresentadas podem ser adotadas por estudantes, pesquisadores, e até revisores, enquanto constroem uma proposta de condução de pesquisa qualitativa e/ou avaliam/verificam a qualidade de uma pesquisa qualitativa empírica existente.

Referências

ALKON, A. H. Reflexivity and Environmental Justice Scholarship: A Role for Feminist Methodologies. **Organization & Environment**, v. 24, n. 2, p. 130-149, 2011.

ALVESSON, M.; HARDY, C.; HARLEY, B. Reflecting on Reflexivity: Reflexive Textual Practices in Organization and Management Theory. **Journal of Management Studies**, v. 45, n. 3, p. 480-501, 2008.

AMIS, J. M.; SILK, M. L. The Philosophy and Politics of Quality in Qualitative Organizational Research. **Organizational Research Methods**, v. 11, n. 3, p. 456-480, 2007.

ARMOUR, M.; RIVAUX, S. L.; BELL, H. Using Context to Build Rigor: Application to Two Hermeneutic Phenomenological Studies. **Qualitative Social Work**, v. 8, n. 1, p. 101-122, 2009.

ATKINSON, E. Thinking outside the box: An exercise in heresy. **Qualitative Inquiry**, v. 10, p. 111-129, 2004.

BAILEY, L. F. The origin and success of qualitative research. **International Journal of Market Research**, v. 56, n. 2, p. 167, 2014.

BALLINGER, C. Writing up Rigour: Representing and Evaluating Good Scholarship in Qualitative Research. **British Journal of Occupational Therapy**, v. 67, n. 12, p. 540-546, 2004.

BANSAL, P.; CORLEY, K. Publishing in AMJ--Part 7: What's Different about Qualitative Research? **Academy of Management Journal**, v. 55, n. 3, p. 509-513, 2012.

BELL, K. Doing qualitative fieldwork in Cuba: social research in politically sensitive locations. **International Journal of Social Research Methodology**, v. 16, n. 2, p. 109-124, 2013.

BERGER, R. Now I see it, now I don't: researcher's position and reflexivity in qualitative research. **Qualitative Research**, v. 15, n. 2, p. 219-234, 2015.

BOCHNER, A. P. Criteria Against Ourselves. **Qualitative Inquiry, Communication Faculty Publications**, v. 6, n. 2, p. 266-272, 2000.

BOTT, E. Favourites and others: reflexivity and the shaping of subjectivities and data in qualitative research. **Qualitative Research**, v. 10, n. 2, p. 159-173, 2010.

BRYMAN, A. **Social Research Methods**. Oxford: Oxford University Press, 2001.

BUCKNER, S. Taking the debate on reflexivity further. **Journal of Social Work Practice**, v. 19, p. 59-72, 2005.

BURRELL, G.; MORGAN, G. **Sociological Paradigm and Organisational Analysis - Elements of the sociology of corporate life**. Burlington: Ashgate Publishing, 1979.

CARCARY, M. Evidence Analysis using CAQDAS: Insights from a Qualitative Researcher. The Electronic **Journal of Business Research Methods**, v. 9, n. 1, p. 10-24, 2011.

CHALMERS, A. F. **What is this Thing Called Science?** 3.ed. Indianapolis: Hackett Publishing Company, 1999.

CUNLIFFE, A. Reflexive inquiry in organizational research: Questions and possibilities. **Human Relations**, v. 56, n. 8, p. 983-1003, 2003.

_____. Crafting Qualitative Research: Morgan and Smircich 30 years on. **Organizational Research Methods**, v. 14, n. 4, p. 647-673, 2011.

_____. Using ethnography in strategy-as-practice research. In: GOLSORKHI, D.; ROULEAU, L., et al. (Ed.). **Cambridge Handbook of Strategy as Practice**. Cambridge: Cambridge University Press, 2015. p.431-446.

CUNLIFFE, A.; KARUNANAYAKE, G. Working Within HyphenSpaces in Ethnographic Research: Implications for Research Identities and Practice. **Organizational Research Methods**, v. 16, n. 3, p. 364-392, 2013.

CURTIS, S. et al. Approaches to Sampling and Case Selection in Qualitative Research: examples in the geography of health. **Social Science & Medicine**, v. 50, p. 1001-1014, 2000.

DAVIES, D.; DODD, J. Qualitative Research and the Question of Rigor. **Qualitative Health Research**, v. 12, n. 2, p. 279-289, 2002.

DENZIN, N. K. The Epistemological Crisis in the Human Disciplines: Letting the Old Do the Work of the New. In: JESSOR, R. et al. (Ed.). **Ethnography and Human Development - Context and Meaning in Human Development**. Chicago: University of Chicago Press, 1996. p.127-152.

DYER, W. G.; WILKINS, A. L. Better Stories, Not Better Constructs, To Generate Better Theory: A Rejoinder to Eisenhardt. **Academy of Management Review**, v. 16, n. 3, p. 613-619, 1991.

EISENHARDT, K. M. Better Stories and Better Constructs: The Case for Rigor and Comparative Logic. **The Academy of Management Review**, v. 16, n. 3, p. 620-627, 1991.

EISENHARDT, K. M. Building Theory from Case Study Research. **The Academy of Management Review**, v. 14, n. 4., p. 532-550, 1989.

EISENHARDT, K. M.; GRAEBNER, M. E. Theory Building from Cases: Opportunities and Challenges. **The Academy of Management Journal**, v. 50, n. 1, p. 25-32, 2007.

ERDEN, Z.; SCHNEIDER, A.; KROGH, G. V. The Multifaceted Nature of Social Practices: A review of the perspectives on practice-based theory building about organizations. **European Management Journal**, v. 32, p. 712-722, 2014.

EASTERBY-SMITH, M.; GOLDEN-BIDDLE, K.; LOCKE, K. Working With Pluralism Determining Quality in Qualitative Research. **Organizational Research Methods**, v. 11, n. 3, p. 419-429, 2008.

FEYERABEND, P. **Against Method**. 4.ed. New York: Verso, 2010.

FINLAY, L. 'Rigour', 'Ethical Integrity' or 'Artistry'? Reflexively Reviewing Criteria to Evaluate Qualitative Research. **British Journal of Occupational Therapy**, v. 69, n. 7, p. 319-326, 2006.

FRESHWATER, D. et al. Qualitative research as evidence: criteria for rigour and relevance. **Journal of Research in Nursing**, v. 15, n. 6, p. 497-508, 2010

GARSIDE, R. Should we appraise the quality of qualitative research reports for systematic reviews, and if so, how? *Innovation: The European Journal of Social Science Research*, v. 27, n. 1, p. 67-79, 2013.

GIBBERT, M.; RUIGROK, W. The "What" and "How" of Case Study Rigor: Three Strategies Based on Published Work. **Organizational Research Methods**, v. 13, n. 4, p. 710-737, 2010.

GOERTZ, G.; MAHONEY, J. **A Tale of Two Cultures - Qualitative and Quantitative Research in the Social Sciences**. Princeton: Princeton University Press, 2012.

GOLDEN-BIDDLE, K.; LOCKE, K. An Investigation of How Ethnographic Texts Convince. **Organization Science**, v. 4, n. 4, p. 595-616, 1993.

GRECO, J. Introduction: What is Epistemology? In: GRECO, J.; SOSA, E. (Ed.). **The Blackwell Guide to Epistemology**. Oxford: Blackwell Publishers, 1999. p.1-32.

GUBA, E. G.; LINCOLN, Y. S. Competing Paradigms in Qualitative Research: Theories and Issues. In: HESSE-BIBER, S.; LEAVY, P. (Ed.). **Approaches to Qualitative Research - A reader on theory and practice**. Oxford: Oxford University Press, 2004. p.17-38.

HAMMERSLEY, M. **What's Wrong with Ethnography?** London: Routledge, 1992.

HEMPEL, C. G. **Philosophy of Natural Science**. Upper Saddle River: Prentice Hall, 1966.

HERTZ, R. Introduction. In: HERTZ, R. (Ed.). **Reflexivity and Voice**. London: SAGE Publications, 1997. p.vii-xviii.

KLAG, M.; LANGLEY, A. Approaching the Conceptual Leap in Qualitative Research **International Journal of Management Reviews**, v. 15, n. 2, p. 149–166, 2013.

KREFTING, L. Rigor in Qualitative Research: The Assessment of Trustworthiness. **The American Journal of Occupational Therapy**, v. 45, n. 3, p. 214-222, 1991.

KUPER, A.; LINGARD, L.; LEVINSON, W. Critically appraising qualitative research. **British Management Journal**, v. 337, p. a1035, 2008.

LECOMPTE, M. D.; GOETZ, J. P. Problems of Reliability and Validity in Ethnographic Research. **Review of Educational Research**, v. 52, n. 1, p. 31-60, 1982.

LINCOLN, Y. S.; GUBA, E. G. **Naturalistic Inquiry**. London: SAGE Publications, 1985.

LOCKE, K. Field Research Practice in Management and Organization Studies: Reclaiming its Tradition of Discovery. **Academy of Management Annals**, p.613-652, 2011.

MACBETH, D. On “Reflexivity” in Qualitative Research: Two Readings, and a Third. **Qualitative Inquiry**, v. 7, n. 1, p. 35-68, 2001.

MAYS, N.; POPE, C. Rigour and Qualitative Research. **British Management Journal**, v. 31, n. 8, p. 109-112, 1995.

MAIR, J. Social Entrepreneurship: taking stock and looking ahead. In: FAYOLLE, A.; MATLAY, H. (Eds.), **Handbook of Research on Social Entrepreneurship**. Glos: Edward Elgar Publishing, 2010. p. 15-28

MEYRICK, J. What is good qualitative research? A first step towards a comprehensive approach to judging rigour/quality. **Journal of Health Psychology**, v. 11, n. 5, p. 799-808, Sep 2006.

MILES, M. B. Qualitative Data as an Attractive Nuisance: The Problem of Analysis. **Administrative Science Quarterly**, v. 24, n. 4, p. 590-601, 1979.

OLIVER, D. P. Rigor in Qualitative Research Editorial. **Research on Aging**, v. 33, n. 4, p. 359-360, 2011.

ONWUEGBUZIE, A. J.; LEECH, N. L. On Becoming a Pragmatic Researcher: The Importance of Combining Quantitative and Qualitative Research Methodologies. **International Journal of Social Research Methodology**, v. 8, n. 5, p. 375-387, 2005.

PAYNE, G.; WILLIAMS, M. Generalization in Qualitative Research. **Sociology**, v. 39, n. 2 p. 295-314, 2005.

PILLOW, W. S. Confession, catharsis, or cure? Rethinking the uses of reflexivity as methodological power in qualitative research. **Qualitative Studies in Education**, v. 16, n. 2, 2003.

PRATT, M. G. Fitting Oval Pegs Into Round Holes: Tensions in Evaluating and Publishing Qualitative Research in Top-Tier North American Journals. **Organizational Research Methods**, v. 11, n. 3, p. 481-509, 2008.

RHODES, C. After Reflexivity: Ethics, Freedom and the Writing of Organization Studies. **Organization Studies**, v. 30, n. 6, p. 653-672, 2009.

RUBIN, A. Standards for Rigor in Qualitative Inquiry. **Research on Social Work Practice**, v. 10, n. 2, p. 173-178, 2000.

SAVALL, H. et al. The Emergence of Implicit Criteria Actually Used by Reviewers of Qualitative Research Articles. **Organizational Research Methods**, v. 11, n. 3, p. 510-540, 2008.

SEALE, C. **The Quality of Qualitative Research**. London: SAGE Publications, 1999.

SINGH, K. D. Creating Your Own Qualitative Research Approach. **Vision**, v. 9, n. 2, p. 132-146, 2015.

SPARKES, A. C. Myth 94: Qualitative Health Researchers will Agree About Validity. **Qualitative Health Research**, v. 11, n. 4, p. 538-552, 2001.

SPENCER, L.; RITCHIE, J.; O'CONNOR, W. Analysis: Practices, Principles and Processes. In: RITCHIE, J.; LEWIS, J. (Eds.) **Qualitative Research Practice - a guide for social science students and researchers**. London: SAGE Publications, 2003. p. 199-218.

SUTTON, R. I. The Virtues of Closet Qualitative Research. **Organization Science**, v. 8, n. 1, p. 97-106, 1997.

TRACY, S. J. Qualitative Quality: Eight "Big-Tent" Criteria for Excellent Qualitative Research. **Qualitative Inquiry**, v. 16, n. 10, p. 837-851, 2010.

_____. **Qualitative Research Methods - collecting evidence, crafting analysis, communicating impact**. Oxford: Wiley-Blackwell Publishing, 2013.

TRAINOR, A. A.; GRAUE, E. Evaluating Rigor in Qualitative Methodology and Research Dissemination. **Remedial and Special Education**, v. 35, n. 5, p. 267-274, 2014.

VAN MAANEN, J. Reclaiming Qualitative Methods for Organizational Research: A Preface. **Administrative Science Quarterly**, v. 24, n. 4, p. 520-526, 1979.

WASSERFALL, R. R. Reflexivity, Feminism and Difference. In: HERTZ, R. (Ed.). **Reflexivity & Voice**. London: SAGE Publications, 1997. p.150-167.

WHITTEMORE, R.; CHASE, S. K.; MANDLE, C. L. Validity in Qualitative Research. **Qualitative Health Research**, v. 11, n. 4, p. 522-537, 2001.

WOLCOTT, H. F. **Writing Up Qualitative Research**. 2.ed. London: Sage Publications, 2001.

Dados dos Autores

Maria Fernanda Rios Cavalcanti* *maria.cavalcanti@puc-campinas.edu.br*

Doutora em Administração de Empresas pela FGV-EAESP

Instituição de vinculação: Pontifícia Universidade Católica – Campinas

Campinas/SP – Brasil

Áreas de interesse em pesquisa: Estudos Organizacionais, Filosofia e Análise Organizacional, Estudos Críticos, Metodologia Qualitativa, Novas Formas Organizacionais e Empreendedorismo Social.

* Rodovia Dom Pedro I, Km 136, s/n – Prédio Administrativo 02, Núcleo de Pesquisa e Extensão do CEA

Parque das Universidades

Campinas/SP

13086-900